



## Relato de experiência de acadêmica indígena da etnia Wai Wai sobre sua inclusão na UFOPA campus Óbidos

**Cassiane Maruku Wai Wai<sup>i</sup>** 

Universidade Federal do Pará, Óbidos, PA, Brasil

**Maria Francilane da Silva Ferreira<sup>ii</sup>** 

Universidade Federal do Pará, Óbidos, PA, Brasil

**Lissandra Prata Silva<sup>iii</sup>** 

Universidade Federal do Pará, Óbidos, PA, Brasil

**Wanildo Figueiredo de Sousa<sup>iv</sup>** 

Universidade Federal do Pará, Óbidos, PA, Brasil

1

### Resumo

A vivência no meio acadêmico é complexa desde o ingresso. Para os indígenas, torna-se ainda mais difícil a partir do momento em que é necessário deslocar-se de sua comunidade até outra cidade para ingressar em uma universidade em busca de seus sonhos, além de se adaptar a novas realidades, culturas e modos. Dessa forma, a discussão apresenta uma pesquisa realizada sobre a vivência de uma acadêmica indígena, pesquisadora-relatora na universidade, problematizando: Quais os desafios enfrentados na inclusão da acadêmica indígena no curso de Pedagogia da UFOPA, Campus Óbidos. A pesquisa tem como objetivo geral compreender como acontece a inclusão da acadêmica indígena no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter bibliográfico, relatando a experiência da acadêmica indígena na UFOPA. Foram utilizados como procedimentos de investigação entrevista semiestruturada com três perguntas base subjetivas com a acadêmica indígena, além de embasamento bibliográfico.

**Palavras-chave:** Vivência. Relato. Indígena. Inclusão.

### Experience report of an indigenous academic from the Wai Wai ethnic group about their inclusion at UFOPA Óbidos campus

### Abstract

The experience in the academic environment is complex from the moment of enrollment. For indigenous people, it becomes even more challenging as they need to move from their community to another city to attend a university in pursuit of their dreams, while also adapting to new realities, cultures, and ways of life. Therefore, the discussion presents a research conducted on the experience of an indigenous academic, a researcher and reporter at the university, addressing the following question: What are the challenges faced in including the indigenous academic in the Pedagogy course at UFOPA, Campus Óbidos? The research aims to understand how the inclusion of the indigenous academic occurs in the Pedagogy course at the Federal University of Western Pará (UFOPA). The research is characterized as qualitative, with a bibliographical approach, reporting on the experience of the indigenous academic at UFOPA. The investigation procedures included a semi-structured

interview with three subjective base questions with the indigenous academic, as well as bibliographical support.

**Keywords:** Experience. Account. Indigenous. Inclusion.

## 1 Introdução

2 Vivenciar significa se relacionar com algo ou acontecimentos, onde estão envolvidos pessoas, lugares ou ações que influenciam o desenvolvimento do indivíduo. Além disso, vivenciar envolve o contexto em volta do indivíduo e abrange emoções, pensamentos e experiências. Tais vivências levam à criação de significados para o cenário onde se convive.

No entanto, ao inserir-se na universidade, estudantes indígenas são infantilizados e excluídos de atividades acadêmicas pela concepção de que a dificuldade que têm de se comunicar fluentemente com os demais os torna incapazes de ter um bom rendimento universitário, impedindo-os de estabelecer conquistas próprias e enfrentar por si mesmos obstáculos comuns que permeiam no contexto acadêmico.

Considerando que o ensino por qual percorreram antes não foi o mesmo que os demais acadêmicos não indígenas, muitas vezes tiveram que passar por inúmeras dificuldades referentes à forma de ensino. Nesse sentido, ao adentrar na universidade, o indígena já obtém uma perspectiva de se sentir inferior aos demais acadêmicos não indígenas.

Se é tratado sobre o princípio do respeito e da individualidade dentro da universidade, mas há dificuldades na concretização deste princípio. Não se pode negar que o cenário universitário deve ser um local de vivências positivas; contudo, o que se vê são indígenas sendo incluídos no espaço físico universitário mas excluídos do espaço social.

Diante do exposto, problematiza-se: Quais os desafios enfrentados na inclusão da acadêmica indígena no curso de Pedagogia da UFOPA Campus Óbidos? A pesquisa tem como objetivo geral compreender como acontece a inclusão da acadêmica indígena no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Os objetivos específicos são: Relatar a vivência da acadêmica indígena no curso de Pedagogia da UFOPA; Descrever a relação entre a acadêmica indígena com os outros discentes e docentes; e Identificar os desafios e possibilidades na aprendizagem da acadêmica indígena.

A vivência universitária é marcada por processos de socialização, interação e trocas de ideias. Pesquisar sobre o tema Vivência com ênfase em uma Acadêmica Indígena e sendo a pesquisadora relatante da experiência, compreender como ocorre sua interação na universidade pressupõe compreender as causas, e se há ou não barreiras que impossibilitam o seu desenvolvimento pessoal e social impactando em sua permanência.

3

## 2 Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa de caráter bibliográfico na modalidade relato de experiência. Segundo Brandão (2001), a pesquisa qualitativa compreende a visão que as pessoas têm sobre suas experiências vividas e os significados atribuídos a elas, buscando analisar determinadas questões a partir de suas perspectivas individuais.

Uma pesquisa bibliográfica consiste no estudo de trabalhos feitos anteriormente sobre determinado tema, aplicando uma discussão com autores e, a partir disso, desenvolvendo embasamentos teóricos sobre os instrumentos, os objetos e os resultados de determinada pesquisa.

Segundo Gil (2002), a vantagem de uma pesquisa bibliográfica está no fato de oferecer um campo amplo de fenômenos que podem ser consultados e discutidos, tornando-se um método viável para quem busca utilizar ideias de autores e a partir delas confirmar ou discordar pensamentos.

Além do embasamento bibliográfico, buscou-se o relato de experiência que, por sua vez, 'buscam não apenas descrever uma dada realidade, mas fundamentalmente oferecer balizas para atuações que possam ser mais críticas, reflexivas e alinhadas aos pressupostos que orientaram a execução da experiência narrada' (CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019, p. 199).

O relato de experiência pertence a uma das autoras deste artigo, proveniente da comunidade indígena Wai Wai na aldeia Mapuera, localizada à margem do Rio Trombetas, a 323 km da cidade de Óbidos – PA. A relatante é a única indígena matriculada no curso de Licenciatura em Pedagogia da turma 2022, turno matutino na UFOPA-Campus Óbidos, que oferta apenas o curso de Licenciatura em Pedagogia.

A acadêmica indígena ingressou no curso através do Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI/Ufopa), destinado à seleção diferenciada de candidatos indígenas para o provimento de vagas nos cursos de graduação oferecidos pela Universidade Federal do Oeste do Pará, nos termos da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, do Estatuto e Regimento Geral da Ufopa.

A pesquisadora relatante é proveniente da comunidade indígena Wai Wai. Sua etnia e âmbito cultural são definidos por afinidades linguísticas, culturais, heranças, religiões e tradições. A comunidade Wai Wai sobrevive da pesca, caça, agricultura, além de receber auxílios do governo. As habitações são divididas por família e em bairros, e a comunidade possui uma escola, uma igreja, um posto de saúde e a Funai.

A relação dos Wai Wai com atividades missionárias também é marcante. A acadêmica indígena almeja concluir o curso de Pedagogia para trabalhar como professora ou coordenadora da escola de sua comunidade, além de contribuir para o avanço da educação na comunidade Wai Wai.

A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico na modalidade relato de experiência, utilizou como procedimentos de investigação entrevista semiestruturada com três perguntas base subjetivas com a acadêmica indígena. Para a coleta de dados, realizou-se uma análise das respostas obtidas reforçando-as com pesquisas bibliográficas acerca das questões identificadas.

### 3 Resultados e Discussões

A partir da primeira e da segunda pergunta feitas: ‘Como é sua vivência enquanto acadêmica na UFOPA, Campus Óbidos?’ e ‘Como ocorre sua relação entre os discentes e docentes?’, obteve-se a seguinte informação: a acadêmica indígena

enfrenta dificuldades significativas na comunicação com discentes e docentes da universidade, o que resultou na sua falta de interação na universidade.

Analisando as causas da falta de interação, através das respostas obtidas, compreendeu-se que a vergonha e o nervosismo provenientes desde sua infância e que surgem apenas em lugares fora de sua comunidade contribuíram para tal situação. Essa questão abrange pontos psicológicos que estão envolvidos na vida de cada indivíduo.

5

Quanto a isso, Prinz (2004, p. 240) afirma:

As emoções podem até mesmo entrar na consciência antes de nós conscientemente acessar os sinais sutis que as desencadearam. É por isso que descrevemos as emoções como reações viscerais (gut reactions). Elas são como detectores de radar corporais que nos alertam para preocupações ou reações que devemos ter. Quando ouvimos as nossas emoções, não estamos sendo seduzidos por sentimentos sem sentido. Tampouco estamos ouvindo os frios ditames de juízos complexos. Nós estamos usando nossos corpos para perceber a nossa posição no mundo.

À vista disso, as emoções de um indivíduo carregam consigo um quadro de reações corporais que abrange até a forma como temos contato com as pessoas ao redor e qual será a resposta a determinadas situações. A timidez, a vergonha e a introversão acabam sendo os estímulos a serem manifestos pela acadêmica indígena provocando uma interação fechada sem diálogos variados.

Segundo Aguiar (2010, p. 11):

Identifica-se que na escola há muitos casos de sujeitos que se apresentam tímidos, com dificuldade de estabelecer relações sociais com os amigos da turma, com os professores e até mesmo consigo próprios, encontrando muitas dificuldades para expressar sua maneira de ser, sentir e agir no mundo escolar.

A situação descrita também é comum nas universidades, onde atividades como seminários, debates de textos e interação em sala de aula são frequentes. Quando a discente não consegue desenvolver essas atividades, cria-se um sentimento de inferioridade, levando-a a acreditar que sempre dependerá da ajuda dos outros para realizar qualquer atividade.



A partir da terceira pergunta: 'Como ocorre o processo de sua aprendizagem?', percebeu-se outro fator que contribui para uma comunicação insegura: o bilinguismo. A língua portuguesa é verbalizada com dificuldade pela acadêmica indígena, pois em sua comunidade predomina a língua materna e não há o uso frequente do português. No entanto, ao adentrarem nas cidades, deparam-se com outra realidade linguística.

Grosjean (2008, p. 165) discute esta temática e afirma que o bilinguismo:

[...] acontece precisamente porque as necessidades e usos das línguas são normalmente muito diferentes e os bilíngues raramente desenvolvem a mesma fluência nas duas línguas. O nível de fluência atingida numa língua (mais precisamente numa habilidade linguística) dependerá da necessidade de uso daquela língua e será específica ao domínio social (casa, trabalho, escola etc.). É, portanto, perfeitamente normal encontrar bilíngues que somente leem e escrevem em uma das línguas, mas que possuem fluência oral reduzida na língua e que só a usam com um número restrito de pessoas, ou que são capazes de discorrer sobre apenas um assunto particular em uma das línguas.

Com isso, a acadêmica indígena relata:

*A comunicação dos povos indígenas e comunidades tradicionais são diversos e possuem modos diferentes, mas ao mesmo tempo esses modos possuem aspectos em comum, um deles é o uso da comunicação como instrumento de articulação entre si e com os outros. (Acadêmica Indígena – Pesquisadora relatante).*

Ao considerarmos isso, pudemos constatar a relevância da comunicação nos meios sociais, sendo fundamental na universidade para sanar dúvidas e compartilhar conhecimentos, de forma a tornar o ensino-aprendizagem significativo por meio de interações. A acadêmica indígena reconhece a comunicação como um meio de relacionar os povos e comunidades indígenas.

Ingressar na universidade significa amadurecer e adquirir novos conceitos e conhecimentos, já obtidos no decorrer da vida escolar. No entanto, para os indígenas que enfrentam dificuldades em suas comunicações devido ao bilinguismo, a compreensão de informações e conteúdos acadêmicos repassados torna-se uma barreira a ser enfrentada diariamente na universidade.

As autoras Ames e Almeida (2021), em uma pesquisa focada nos indígenas que ingressaram na universidade, afirmam:

As dificuldades com a linguagem acadêmica se referem aos problemas de compreensão e domínio das palavras e expressões utilizadas tanto pelos professores em sala de aula quanto presentes nos materiais de estudos. É um léxico até então parcialmente desconhecido para alguns dos estudantes indígenas, o que trouxe consequências para o acompanhamento das explicações realizadas pelos docentes e para o entendimento dos textos trabalhados nas disciplinas. A não apropriação dessa linguagem comprometeu ainda a expressão oral e escrita dos referidos alunos.

Tais dificuldades são comuns entre os indígenas universitários, pois a acadêmica indígena, também afirma:

*Eu compreendo as palavras quando minhas colegas falam comigo, mas existe as palavras técnicas que eu não consigo compreender[...] Eu tenho dificuldade de entender, falar e explicar na hora do seminário, e na hora apresentação. Quando a professor fala n a sala, ele que socializar a texto. E isso que eu tenho dificuldade na sala de aula, mas eu entendo a pouco a língua Portuguesa, por que sou eu bilíngue. (Acadêmica Indígena, pesquisadora-relatante)*

Entrando na universidade, os conteúdos apresentados e exigidos são formulados com uma linguagem mais científica, exigindo o conhecimento de termos científicos presentes em artigos, resumos, seminários e até mesmo nas explicações dos docentes. Palavras comuns para a discente indígena representam um desafio diário, e, conseqüentemente, os termos técnicos se tornam uma barreira para a compreensão dos conteúdos repassados.

Seguindo essa linha de pensamento, temos ainda a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB (Lei nº 9394/1996) que asseguram à educação escolar indígena o direito a uma educação específica, bilíngue/multilíngue e diferenciada de acordo com as especificidades de cada comunidade. No entanto, encontram-se escolas com dificuldades em adotar esse direito para os indígenas, o que impede o avanço nas aprendizagens escolares.

A acadêmica indígena destaca os obstáculos na compreensão das atividades universitárias, como seminários e leituras de textos, pois, por conta da timidez, sente

a necessidade de pedir ajuda aos demais discentes para entender os conteúdos. Além disso, relata sentir “vergonha” de mostrar suas dificuldades aos colegas. Esse conjunto de questões estagna a absorção de conhecimentos e a evolução acadêmica.

#### 4 Considerações finais

8

A vivência relatada pela acadêmica indígena na universidade mostrou-se marcada pela dificuldade de comunicação, causada por fatores que vêm desde a infância e permanecem até hoje. Questões emocionais, como a timidez, e questões linguísticas colaboram para que a interação da acadêmica ocorra de modo fechado.

Esse comportamento requer atenção especial, uma vez que tem impacto direto em seu aprendizado. A partir da análise do relato, percebemos que tais vivências relacionadas à comunicação são reflexo de uma sociedade que não está preparada para a inserção de indígenas em instituições escolares não-indígenas. Portanto:

Ainda que seja um processo que vem sendo desconstruído, reconstruído, debatido em vários âmbitos educacionais e mesmo a passos lentos produz pequenos avanços . As mulheres indígenas estão ocupando espaços que não estão preparados politicamente para suas permanências . O ingresso na universidade tem encorajado novos estudantes, utilizando espaço epistemológico para o fortalecimento da luta do seu povo, distorcendo assim a visão estereotipada que a sociedade tem do indígena ser inferior e incapaz de estar em outros espaços a não ser a aldeia (MARTINS,2021, p. 15).

A partir daí, a expectativa é que mais e mais indígenas consigam ocupar espaços nas universidades, pois o valor do ensino superior para o indígena não está apenas no interesse pessoal do indivíduo, mas sim em levar conhecimento acadêmico para as aldeias. Ou seja, o objetivo de formar indígenas é de extrema importância para um povo, sendo uma questão de sobrevivência cultural.

Sousa (2022) destaca que a escola abriga diversas culturas que precisam ser vivenciadas e compartilhadas. Para que isso se efetive, é necessário que haja a busca por formação por parte dos docentes e a participação da comunidade acadêmica na aprendizagem, no ensino e no suporte aos indígenas em suas eventuais limitações, sem que haja a infantilização dos mesmos.



Esta pesquisa possibilita compreender e identificar as barreiras a serem trabalhadas para promover a inclusão indígena no espaço universitário, prestigiando assim a cultura da comunidade Wai Wai e relacionando-a com as vivências urbanas, visto que a influência da cultura indígena percorre nos âmbitos da cultura brasileira, inclusive na língua portuguesa.

## Referências

9

AGUIAR, Gislaine Cardoso. **A timidez no contexto escolar: um olhar sobre esta característica da personalidade humana na escola.** Trabalho de Conclusão (Pedagogia – Licenciatura à Distância). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/142833/000993424.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 fev. 2024.

AMES, Valesca Daiana B.; ALMEIDA, Marilis Lemos. Indígenas e ensino superior: as experiências universitárias dos estudantes Kaingang na UFRGS. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 23, n. 56, jan-abr 2021, p. 244-275.

BRANDÃO, Z. A dialética macro/micro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

CUNHA, V. F; SCORSOLINI-COMIN, F. A religiosidade/espiritualidade (R/E) como componente curricular na graduação em Psicologia: relato de experiência. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 28, n.1, p. 193-214, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/39837/29441> Acesso em: 28 nov. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas., 2002.

GROSJEAN, F. Bilinguismo Individual. **Revista UFG**, Goiânia, v. 10, n. 5, p. 163-76, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br>. Acesso em: 29 nov. 2023.

MARTINS, Racquel Valério. et al. Aprendendo e ensinando a voar... A experiência das mulheres indígenas do Ceará com a educação. **Revista Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v.2, n.2, p.1-17, 2021.

PRINZ, J. **Furnishing the Mind: Concepts and Their Perceptual Basis**. MIT Press, 2002.

SOUSA, Janiele Santos de. Reflexividade sobre a cultura indígena na formação docente: um relato de experiência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.

Entrevistada **Cassiane Maruku**, Wai Wai, Mapuera, Rio Trombetas -Pará, Em 08 de dezembro de 2023.

<sup>i</sup> **Cassiane Maruku Wai Wai**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2167-3866>

Universidade Federal do Pará

Graduanda em licenciatura em pedagogia na Universidade Federal do Pará.

Contribuição de autoria: pesquisa, escrita.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3582565347279682>

E-mail: [cassianewaiwai90@gmail.com](mailto:cassianewaiwai90@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Maria Francilane da Silva Ferreira**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2711-9227>

Universidade Federal do Pará

Graduanda em licenciatura em pedagogia na Universidade Federal do Pará.

Contribuição de autoria: pesquisa, escrita, argumentação.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6390591552211249>

E-mail: [mariafrancilane703@gmail.com](mailto:mariafrancilane703@gmail.com)

<sup>iii</sup> **Lissandra Prata Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5915-4422>

Universidade Federal do Pará

Graduanda em licenciatura em pedagogia na Universidade Federal do Pará.

Contribuição de autoria: pesquisa, escrita, argumentação.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7532332592292789>

E-mail: [lissandrapratasilva@gmail.com](mailto:lissandrapratasilva@gmail.com)

<sup>iv</sup> **Wanildo Figueiredo de Sousa**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6452-7421>

Universidade Federal do Pará

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil, Mestre em Teologia pela Escola de Teologia em São Leopoldo, Rs. Especialista em Gestão Escolar, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Doutorado em Educação pela Universidade da Vale do Rio dos Sinos, São L. Rs. .

Contribuição de autoria: orientação no processo de desenvolvimento do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4923779734212392>

E-mail: [wanildosousa@gmail.com](mailto:wanildosousa@gmail.com)

**Editora responsável:** Dra. Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 15 de outubro de 2023.

Aceito em 28 de fevereiro de 2024.

Publicado em 29 de fevereiro de 2024.

---

**Como citar este artigo (ABNT):**

WAI WAI, Cassiane Maruku; FERREIRA, Maria Francilane da Silva; SILVA, Lissandra Prata; SOUSA, Wanildo Figueiredo de. Relato de experiência de acadêmica indígena da etnia Wai Wai sobre sua inclusão na UFOPA, campus óbidos. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2024.